

MARTA NEVES

The cover features a stylized illustration of a woman's head in profile, facing left. Her hair is dark and messy. Her right eye is a bright, glowing cyan color. A red, jagged, cross-like symbol is positioned near her ear. From the base of this symbol, a thick, vibrant red liquid drips down, creating a large, smoky, and splattered effect that partially obscures the lower part of her face and neck. The background is a dark teal with a subtle, painterly texture.

Z E P R I N C I P S
• F L U T U A R •

editame

Prólogo

É preciso muito pouco para nos afundarmos. Na verdade, basta um rochedo tombar contra nós – tal como os obstáculos correm na nossa direcção em vida térrea –, um pequeno furo numa embarcação pequena, um vento novo que nos atraíçoe. Então, dentro de poucas horas, somos comidos pelas ondas valentes e estrondosas, até que nos perdemos no azul.

A maioria das pessoas não sabe que todos nós nos afundamos na vida. É impossível controlar tal fenómeno – as nossas embarcações são demasiado frágeis e, no entanto, demasiado extensas para um ser só (sim, é verdade, no fundo, toda a gente navega sozinha!) e, como se não bastasse, os obstáculos são imensos numa viagem tão grande, os ventos mudam as vontades e os sonhos repentinamente.

Há certos momentos na vida em que o Homem vai ao fundo, é comido pelo azul e deixa de respirar...

1

Marina acordou uma hora mais cedo para poder ter tempo de tomar o seu longo banho, combinar e comparar roupas, vesti-las e despi-las cinco vezes, de modo a ter a certeza da sua excelência e beleza. Depois, ainda teria de disponibilizar alguns *tiquetaques* preciosos para se perfumar e pintar, aperfeiçoar os seus caracóis com espuma e, por fim, passar algum *gloss* pelos seus lábios grossos.

Ainda revendo o seu horário matinal, levanta-se da cama de lençóis brancos de casal, espreguiça-se e abre um pouco a persiana. De seguida, tropeça numas quantas roupas deixadas ao acaso pelo chão de alcatifa e dá um pequeno pontapé nos pesos que o Yann lhe tinha oferecido na semana anterior.

– *Todas as manhãs, antes de tomares banho, deves fazer musculação. Três séries de cem de cada exercício devem ser suficientes* – tinha-lhe ordenado com o seu sotaque francês.

Marina olha mais uma vez para os pesos de dezasseis quilos e ri-se, sabendo que nunca na vida lhes há-de sequer pegar.

Dirige-se à casa de banho e, com toda a calma e subtilidade, enche a banheira pequena, adicionando à água sais coloridos. Deixa a

camisa de dormir azul-esverdeada escorregar-lhe pelos joelhos, tão marcados pelas feridas de lutas que nunca hão-de ter fim.

Muito devagar, coloca os pés dentro da água e senta-se maravilhada pelo calor que este elemento lhe erradia. Há pequenas ondas a banharem-lhe o corpo, a moldarem-lhe o cabelo preto, feito de reflexos azuis, já ondulado de si.

– Bom dia! – exclama Yann ao entrar pela porta da casa de banho.

Marina olha-o como sempre, com desprezo estampado nos seus olhos tempestuosos e envia-lhe uma careta amorosa.

– Há uma coisa que se chama bater à porta, sabias? Tenho quase a certeza que isso também se usa na Polinésia Francesa, muito embora eu tenha consciência do teu atraso cultural – implica Marina, tão provocativa como sempre.

Yann aproxima-se mais um pouco, habituado a ela como se se tratasse de uma irmã mais nova, e senta-se na beira da banheira.

– Também há uma certa coisa chamada cumprimentar educadamente as pessoas! Ah, e há outra atitude importante: a de tomar um duche em vez de um banho de imersão. Sabes, seria simpático se preservasses a água para os teus futuros netos e ajudasses a salvar a humanidade como te é pedido... aliás, requerido!

– Não vou chegar a ter netos, visto que vou morrer antes de ter filhos – responde, ironicamente, Marina. Depois, com o mesmo sorrisinho provocador nos lábios, levanta a perna nua e morena passando o dedo indicador pelas cicatrizes, ainda abertas, da sua perna.

– Isso não aconteceria se praticasses como eu te ordeno – replica Yann, baixando-lhe a perna. – Além disso, esse é o preço que todos pagamos por estarmos aqui, em Zeprincips. – Marina olha para os seus próprios pés, que nunca hão-de encorrihar com a água, ou assim o pensa. – O que se passa? – pergunta, de

imediatamente, Yann.

– Não sei, ultimamente questiono bastante o meu lugar aqui.

Yann olha para Marina com ternura, qual jovem amigável e fraterno. Estavam a crescer: ela, ele, toda a gente. Devagar embrulha-a numa toalha e leva-a ao colo até ao quarto. No fundo, ela sempre será pequenina, a sua pequenina, quatro anos mais nova.

– Eu também acho que vieste para aqui por engano – brinca ele – mas agora que já cá estás, e depois de eu ser o teu orientador, não tens grande remédio!

Marina não responde, limita-se a secar o seu cabelo feito de ondas de um mar tenebroso com a toalha que ele lhe ofereceu.

– E, como nem toda a gente gosta de chegar atrasada, tenho que ir indo – despede-se. Depois, avaliando-a enquanto ela escolhe um soutien, umas cuecas demasiado curtas e uma mini-saia, diz – Vê se te controlas nos decotes e lembra-te que só tens treze anos, usas as bandas de silicone daqui a uns anos!

Ele adivinhou logo a resposta – o dedo do meio bem levantado, qual menina atrevida e provocadora.

Yann tinha razão, Yann tinha sempre razão. Era verdade que Marina não se importava minimamente com lamentáveis atrasos a um Mundo que já nem podia considerar seu; tão certo como o facto de Marina ser de si incerta, que cicatrizes no corpo e na alma eram o preço a pagar por se ser acolhido por Zeprincips; exacto que Marina acumulava no seu peito, pernas e antebraços apenas treze anos feitos há um mês.

Não obstante, Marina continuava, incessantemente, a questionar tudo isso e muito mais. Talvez o devesse à sua insurreição incontrolável, ou então à curiosidade sedenta que lhe expira todo o sabor de debaixo da língua à procura de mais. Quiçá devido ao seu desrespeito pela autoridade que conhece e em que não

consegue acreditar.

Ciente da própria atitude – confusa mas determinada –, Marina sai pela porta do seu apartamento. Fecha-a com força, com um golpe brusco e estonteante de quem não quer voltar. Roda, por uma vez, a chave de bronze na fechadura arranhada – «*e se a deitasse ao lixo?*», pensa. Enquanto possuir a chave sabe que terá sempre de regressar. É um pouco como quando nos confiam a chave de um coração: por muito que não o queiramos ter, temo-lo nas mãos e ele possui-nos. Um apartamento possui-nos, uma cidade palerma possui-nos e uma vida que não queremos levar possui-nos!

Marina olha, por uma última vez, para a chave que agarra com a mão esquerda. Imagina como seria, nessa mesma noite, ou quando quer que fosse que regressasse – o alarido que seria, uma situação que se resolveria numa questão de minutos com uma chave de parafusos *normal*, a quantidade de cópias que, mais tarde, lhe impingiriam. Não, já lhe bastava uma, não queria trinta chaves dum apartamento que não chega a ser casa!

A rapariguinha, por fim, lá desce as escadas – «*Que mania esta, a de Zeprincips, de não se colocar elevadores, com o sentido de se promover o exercício físico! Aliás, que mania a do exercício!*», pensa correndo escadaria abaixo. Abre a grande porta espelhada da entrada para se aventurar pelas ruas cruzadas de Zeprincips.

A primeira coisa que vê é o jardim de *Adão e Eva*, cujos relvados não são mais verdes do que rosados, devido à imensidão de papoilas vermelhas que povoam a terra e a compartilham com a erva bem tratada e regada. Grandes plátanos elevam-se e tocam nas nuvens, assentam promessas nos troncos antigos de casais apaixonados. Ainda no jardim, há um grande lago que faria inveja ao *Lago Superior* ou ao *Lago Baikal*. Este em particular reflecte minuciosamente cada recorte do céu, cada ângulo do cume das montanhas que cercam a cidade de Zeprincips a Norte.

– Bom-dia Marina – cumprimenta Jan, num sotaque que não deixa de ser alemão ou suíço, se houver qualquer diferença.

– *Guten Morgen* – responde ela, num sorriso de raspão.

Jan, que não se preocupa sequer em reparar na falta de autenticidade do mostrar de dentes da amiga, passa-lhe a mão pelo cabelo ondulado num jeito fraternal. Depois, arrasta-se, juntamente com a sua face e corpo perfeito, para lá do muro da escola de Zeprincips.

Marina tem uma teoria acerca de Jan e de todos os outros corpos, faces e mentes brilhantes que deambulam pelas ruas de Zeprincips: um dia hão-de acordar na sua cama extremamente aseada, com as suas armas extremamente polidas na mesinha de cabeceira e aperceber-se-ão, sem mais demoras, que, afinal, fora tudo em vão – a perfeita mudança para Zeprincips na luta pelo Bem e pela Humanidade, a vida normal e pecadora de que haviam abdicado. Zeprincips parecia esculpir as pessoas da melhor forma possível, mas, no fundo, na opinião da jovem irreverente Marina, Zeprincips era em si imperfeita.

Continua, no entanto, a caminhar em direcção ao seu destino. Passa pela zona de treinos que é paralela à tal escola dos que abdicam de todo do Mundo normal, a qual é perpendicular à rua onde assenta a Sede da cidade. Passo ante passo, Marina vai avistando os longos descampados que se perdem na linha do horizonte; sinagogas, igrejas católicas, santuários hindus ou budistas, na área povoada da religião; cemitérios na outra ponta onde restam as memórias de quem partiu; a área de lazer e reunião que sustenta empregados em cafés, restaurantes e bares nocturnos; a banquinha que aluga cavalos para longas viagens.

E, por fim, depois de já muito ter caminhado, senta-se no paredão, com os pés descalços a tocarem na superfície da água cada vez mais gélida. Espera por um barco que a leve para o

outro lado, onde apanhará um teleférico, invisível aos olhos dos que não sabem da existência de Zeprincips, que a deixe na sua freguesia natal – Ferragudo.

– Olha a minha amiga – diz Paulo ao aproximar-se e sentar-se ao lado da Marina, esperando pelo mesmo barco.

– O que é que tu queres? – pergunta Marina com brusquidão, empurrando-o para longe.

– Andamos muito agressivas ultimamente, não é verdade? – provoca Paulo.

Paulo é mais baixo do que a Marina, embora tenham nascido no mesmo ano. É esguio e tudo nele é sujo e elementar. O seu cabelo castanho e desbotado cai-lhe para a frente dos olhos que sempre quis esconder – uns olhos vagos.

Um habitante de Zeprincips é fisicamente em tudo igual a qualquer outro indivíduo. Há apenas uma diferença que divide os conjuntos – os olhos. De qualquer cor ou de qualquer formato, os olhos zeprincipescos espelhavam a bondade e nobreza dos guerreiros da cidade do Bem.

– Vai-te lixar – atira Marina.

– Oh, então? Não há nem um pouco de compaixão? Nem para com o companheiro que é mais parecido contigo? – Paulo abana a cabeça ironicamente.

– Eu não tenho nada a ver contigo!!!

– Não? Bem, eu até acho que é bastante óbvio o que temos em comum. – Paulo pousa uma das suas mãos morenas no dorso da Marina, para que ela olhe para ele com atenção. – Nenhum de nós pertence aqui.

Paulo era filho da última princesa de Zeprincips, assassinada por acidente dez anos antes, sem deixar definida a herdeira que ocuparia o cargo daí em diante. Quando Paulo nascera, grandes expectativas haviam pousado sobre o bebé, que sendo filho da

princesa, havia de chegar longe na vida. Contudo, passados poucos anos, a verdade era já demasiado difícil de esconder. Paulo não estava destinado a ser um guerreiro do Bem.

Normalmente, os filhos de guerreiros da cidade pertencem, desde que nascem, à cidade. Contudo, por vezes, nasce uma criança que atraiçoa as estatísticas e probabilidades. Como é evidente, continuam a viver na cidade e a maior parte adquire as qualidades necessárias por aprendizagem social. Outras há que nascem guerreiras e que, no difícil caminho que é crescer, se desencaminham e cedem à malícia.

Paulo nunca esteve destinado a lutar pelo Bem e quando chegou a altura de decidir o seu próprio fado, deixou-se acometer pela frustração e pela raiva. Naquele momento continuava a viver na cidade. Estudava na escola de Zeprincips e trabalhava em *part-time* num café, estando afastado dos exércitos e treinos.

– Então hás-de me explicar porque me trouxeram para aqui?

– Oh Marina, tu já foste de cá. Em tempos, quando eras criança. É certo que ainda tens um pouco dos olhos puros que reflectem a alma, mas olha para o teu reflexo na água – repara Paulo, apontando para o desenho turvo de Marina –, tens perdido a cor do olhar. E, encara a realidade, estás-te nas tintas para a bondade e para esta cidade de guerreiros. Não és de cá, nem sequer consegues transportar-te pela mente, tens que andar e apanhar teleféricos para cruzar os Mundos. – Marina descontrola-se com as palavras amargas e também sujas do Paulo, dando-lhe um estalo na cara.

– Estás enganado – diz-lhe enquanto se levanta. – Não temos nada em comum, porque se eu não pertença a Zeprincips é porque eu própria decidi que não acredito nestes princípios de caca. Já tu... tu és só uma mente frustrada que vive aqui por favor de hereditariedade.

Marina afasta-se, certa de que ganhou a discussão, mas que

perdeu mais um pouco da sua alma que se reduz por si só.

Marina chega, por fim, à escola do outro Mundo. Está atrasada, tão atrasada que é impossível não sentir uma crescente preocupação pela antevisão do raspanete que irá receber da directora de turma.

Atravessa o corredor deserto e, depois de bater duas vezes à porta, entra e pede desculpa pelo atraso. A professora, como sempre, lança-lhe um olhar de desaprovação que a deita abaixo.

– Marina, pode chegar aqui – ouve sempre a menina, quando toma o seu lugar numa das carteiras. Quando, por fim, ela se aproxima, a professora continua – já reparou na quantidade de faltas que anda a acumular? Já para não falar na sucessão interminável de atrasos...

Em alturas como esta, Marina não tem outra opção senão pedir desculpas e prometer o impossível: não voltar a acontecer. Ela gostava de poder explicar, fazer ver a professora que em vez de lhe cuspir palavras ríspidas e afiadas, lhe devia estar a agradecer por todo o trabalho que tem prestado em Zeprincips em favor da população de ambos os Mundos. Mas não podia. Não podia simplesmente gritar – *Cale-se, sua velha sonsa, porque você não sabe absolutamente nada sobre “formação cívica” ou “preparação para a sociedade”. Se eu chego mais tarde do que os outros é porque mais ninguém nesta escola tem que atravessar um Mundo para ter umas aulinhas da treta de Geografia – quem quer saber dos nomes e caudais dos rios quando há a crescente preocupação do mal e do bem, não só como valores abstractos mas sendo personificados por guerreiros que se batalham entre si? E se falto é porque estou em treinos tão duros que por vezes fico com os pés a sangrar durante mais do que uma volta no relógio. O cuco canta e eu continuo com as feridas profundas abertas. Ou então há rugas às quais tenho que comparecer. Portanto, se a professora acha realmente que uns minutos a menos de lições são*

realmente prejudiciais e uma falta de respeito para com os colegas e professores, então imagine a quantidade de horas de vida normal que eu perdi. A infância de que eu abdiquei!

Apetece-lhe gritar, sim, mas, mais uma vez, lembra-se de que mais ninguém sabe da existência de Zeprincips. Ninguém a entenderia. Portanto, descendo os degraus até à sua carteira apinhada de livros, Marina seca todas as justificações que lhe amaciam a língua. Fica seca, com o céu da língua colado aos dentes.

– Estás bem? – pergunta-lhe Filipe, o único amigo que tem nesta escola. – Pareces... triste. – Mas Filipe não espera pela resposta de Marina e quando ela dá por isso, ele está com os olhos arregalados presos à folha de papel, falando com a casca de noz que acabou de desenhar.

Os colegas de turma riem-se da pequena deficiência de Filipe, gozam-no entre murmúrios e sussurros maliciosos. Quem diria que o mal andava a invadir o Mundo tão rapidamente? Ou talvez, ocorre a Marina, estejam a rir-se da sua própria excentricidade.

Marina sente os seus olhos transformarem-se ainda mais em água do que o que já são. Estão no limiar do verter. Contudo, Marina empina o nariz e impede que a onda que se formou rebente na sua belíssima face. Marina nunca chora!

O toque ressoa pelos corredores até atingir as salas de aula. Todos os alunos se levantam numa dança incansável que transborda de alegria – saem eufóricos em direcção ao bar, ao campo de jogos, à sala do lado para ver a amiga. No entanto, Marina deixa-se ficar para trás.

Atravessa, ausente, o corredor apinhado de gente. Aqui e agora, ela não é nem feminino nem masculino – encarnou o género fantasmagórico de quem flutua lívida pelos caminhos mal traçados. É singular, sempre o foi. Mesmo quando permanece, como

excepção, nos jantares de família; mesmo quando namorou pela primeira vez com o pequeno Nuno, que tinha dentes de coelho; mesmo quando conseguia algumas palavras soltas das colegas.

Houvera um tempo em que ela achara que se estava a tornar num plural – quando conheceu os seus melhores amigos de Zeprincips, o Francesco e a Margarida.

Enquanto caminha por entre as paredes de azulejo frio, Marina sente as suas lembranças esbarrarem contra os vidros das portas, cruzam direcções. Ecoam.

Chegam-lhe à memória os retalhos doces do seu primeiro dia em Zeprincips, um tecido mais homogéneo que ainda resta duma amizade duradoura entre três meninos.

Acontecera numa tarde de Verão. Numa dessas em que o Sol acorda tão cedo que aquece o alcatrão das ruas e as águas que correm. Num quase pôr-do-sol que separa o dia da noite, que divide Marina em duas: a rapariga pré-destinada e a que é tão normal quanto outra.

Marina tinha seis anos por essa altura e a sua história da Disney preferida era a Pequena Sereia. Como seria de esperar, nesse dia, ela levantou-se igualmente cedo para poder ver os desenhos animados preferidos a correrem o ecrã televisivo com cores garridas. Puxou a mesma cadeira de todos os dias para poder chegar ao armário das tigelas. Pegou na mesma caixa de cereais de chocolate e esperou o mesmo tempo até que o leite ficasse tingido de um doce castanho.

– Bom-dia, querida – sussurraram-lhe, no mesmo tom afectuoso, os pais.

Vestiu o mesmo biquini azul claro que brilha em ondulações. Escovou o cabelo rebelde e encaracolado que se despenteou no minuto seguinte. Sorriu para o espelho enquanto escovava os dentes em todas as direcções e sentidos.

– Marina, filha – disse-lhe o pai nesse dia – vou arranjar as redes

de pesca, queres vir comigo?

Ela acenou com a cabeça, o seu queixo a tocar no pescoço. Pegou no boné e saiu pela porta que, desde que ela se lembra, sempre esteve aberta.

– Adeus mãe – gritou numa voz jovial.

– Eu vou ter com vocês ao cais e levo a merenda – avisa.

Marina mostrou-lhe alguns dos dentes de leite e apertou a mão áspera de pescador humilde do pai. Seguiu-o em passinhos curtos até às tranquilas águas fluviais onde a sua pequena embarcação flutuava. Cantaram juntos o “mar enrola na areia” e o pai ensinou-a a remendar as redes que, com o tempo, esburacavam.

– Mas com estas redes é preciso ter muito cuidado para não se apanhar peixe demasiado pequeno. Senão ainda se tem que pagar multa – concluiu o pai.

Marina gostava de saber que para a pesca de rodada do robalo a linha principal deve ter 0,30 mm de diâmetro, dos festivais de marisco e em como a pesca do atum fora, outrora, considerada uma arte. Gostava de trepar para a pequena e colorida embarcação do pai e de ficar com os pés entrelaçados nas cordas e arames que o povoavam. Acima de tudo, embora Marina fosse extremamente autónoma e individualista, gostava de quando o pai ia para a praia para a ensinar a pescar com cana e anzol: gostava que colocasse as suas mãos escuras em cima das suas e a ajudasse a mergulhar o fio da cana na plenitude do mar. Gostava de o ver dançar num voo tremido e, depois, cortar umas quantas ondas ao cair. Adorava sentir um tremer ligeiro quando um peixe se engana com o anzol e adorava ter mais força do que a vida quando o puxava para fora da água. Era-lhe extremamente aliciante sentir que a tragédia apanha qualquer um, a qualquer momento.

– Boa, Marina. Apanhaste um bom peixe. – E Marina retirava-o do anzol e via-o bailar por entre as suas mãos, espernear-se, tentar, desesperadamente, sobreviver. Respirar.

Quando o Sol deixou de olhar o cais de Ferragudo com o seu olhar

altivo e intenso – vertical –, Marina deliciou-se com a sandes de delícias do mar que a mãe lhe trouxera. Depois, foram juntos para a Praia Grande, onde Marina saltou para a água como se o Mar lhe pertencesse.

Marina aprendera a nadar mesmo antes de falar. Era uma comunicação bastante mais fácil, essa entre si e a mãe Natureza.

Nessa tarde, as ondas erguiam-se estonteantes. Desafiavam a areia molhada para um bom combate estrondoso. Marina pulou e venceu as ondas – dominava-as e domesticava-as por conhecê-las tão bem. Via, ao longo do extenso areal, crianças desajeitadas a jogar futebol, os pescadores sentados no areal com a poesia estampada nos seus rostos escuros e consumidos pelo vento, a sua mãe a admirar-lhe a rebeldia e altivez.

– És a Deusa dos Mares – costumava dizer-lhe a mãe. – Possui-lo no teu cabelo preto, ondulado e de reflexos marinhos... nos teus olhos herdados das profundezas do mar.

Marina cantarolava, feliz, enquanto superava as ondas altas. Conseguia sempre saltar mais alto. Pensava, entretanto, no buraco da rede que remendara sozinha e deixara os olhos escuros do pai cheios de orgulho. Mas, então, aconteceu – uma onda inesperada como Marina e ela é obrigada a mergulhar, a cair com os pés na areia.

É quando volta ao de cima que ela o vê – um rapaz mais velho, cabelo castanho-claro e olhos tão profundos quanto os dela, só que nascidos da terra, um perfeito desconhecido na altura.

Yann.

– Marina! – Uma voz desconhecida acorda-a do seu sono de presença. Uma rapariga da sua turma, cabelo curto e olhos ainda mais pequenos, está à sua frente com um sorriso aberto a iluminar-lhe a face banal. – Olha, amanhã faço anos e a minha festa é sexta-feira. Convidei toda a gente da turma, portanto tu também podés vir.

A festa é numa discoteca de Portimão. – A amiga da rapariga guincha baixinho, embora com a mesma estridência. – E eu sei que ainda não temos idade mas o meu irmão é R.P. e põe-nos lá dentro, não é fixe?

Marina não sabe o que responder. Nunca esteve numa discoteca e não pensou que poderia ir tão cedo a uma. Uma festa! Uma festa normal! Sexta-feira à noite – oh não. NÃO! Sexta-feira à noite tem uma reunião com o Yann e o sub-secretário de Zeprincips, devido a um assunto burocrático qualquer.

– Sexta? Humm... não – responde tristemente. – Não, não posso, não dá – gagueja. – Tenho cenas combinadas.

A colega de turma avalia Marina por um bocado. Depois sorri e responde numa indiferença total:

– Ok, tu lá sabes.

Quando as aulas acabam, Marina decide fazer uma pequena visita aos pais, que já não vê há cerca de sete dias. É estranho para ela apanhar um autocarro, sentar-se lado a lado com rostos cansados dum quotidiano que ela nunca teve e é ainda mais estranha a ideia de ter aceitado que lhe tirassem tudo isso.

Na altura parecera-lhe diferente – mais mágico, mais especial. Um quase perfeito. E, mesmo sendo ela, então, uma criança pré-escolar, soube tomar uma decisão com deliberação.

– Olá – dissera-lhe Yann, nessa tarde, na praia.

Marina corou um pouquinho e escondeu o sorriso maroto entre os lábios fechados. «Não devo falar com estranhos», lembrou a si mesma, «principalmente, estranhos como este matulão que já deve andar para aí no quarto ano.»

Yann, no entanto, não tomou a peito o silêncio da menina. Limitou-se a olhá-la, a sorrir para os seus olhos arregalados, provindos do fundo

do mar.

– Os teus olhos... – murmurou, pasmado.

É nesse instante que a mãe da Marina em miniatura aparece por detrás de Yann e o condena com um olhar de protecção.

– Com licença, – fala zangada – esta é a minha filha, rapazolas.

– Peço desculpa, – responde o rapaz com a educação em padrões elevados e a pronúncia francesa a adicionar-lhe um certo charme – presumo que seja a mãe da jovem Marina, a minha futura pupila.

As horas seguintes foram de repulsa e incredibilidade. Marina lembra-se de ver o pobre rapaz sentado na bancada da cozinha, na esperança falhada de tentar explicar a existência de um lugar estranho chamado Zepríncips. A missão especial da própria menina.

Marina não percebia. Para ela todos aqueles nomes estrangeiros e complicados não faziam o mínimo sentido nem possuíam qualquer tipo de interesse.

– Ninguém a leva! – bramia a mãe, escondendo a cabeça do desespero.

– Desaparece – gritava o pai, numa posição segura falhada.

O rapaz saiu por essa noite, todavia, de vez em quando, voltava com a mesma conversa treinada debaixo da língua.

– A Marina tem uma missão muito especial. Têm que deixá-la sair da vossa casca protectora e seguir o seu caminho – dizia. Não obstante, este palavreado encadeado parecia não conseguir penetrar pelo escudo dos pais.

E Marina ia-se consciencializando da situação, encaixando as peças e pedindo:

– Mãe, deixa-me ir!

Até que um dia, eles permitiram que a menina dissesse adeus. Fora assim que Marina, num piscar de olhos, desaparecera por entre os navios da praia, por entre este Mundo e aquele até chegar ao outro – Zepríncips.

Marina chega, por fim, à pequena casinha de pescadores numa rua entre a praia e o cais – a casa dos pais, de quem se emancipou faz já muito tempo. A frente da casa veste-se com três tipos de azulejos – uns coloridos desenham um rodapé, outros mais escuros e pequenos encaixilham o resto da casa, e, por fim, no meio, azulejos em tons de castanho decoram a parede com um padrão florido. Pela pequena janela que comunica com a rua piscícola, vislumbram-se as cortinas que a mãe bordou e a pequena sala onde Marina costumava ver os desenhos animados. Uma porta de latão pintado de verde apresenta-se fechada, vedando-lhe a entrada, tratando-a como uma estranha...

Não toca à campainha, por saber de cor o sítio onde se esconde a chave (a que nunca poderá guardar como sua) – debaixo do tapete.

Ao entrar pelo corredor apertado que, por estranho que pareça, não lhe comprime o peito e a alma, vê a mãe a cozinhar e a irmã mais nova com os livros escolares estendidos pela banca gasta da cozinha.

– Marina? – Pergunta a mãe espantada. – Não estava à espera que aparecesses.

Marina trinca o lábio inferior, puxa uma cadeira de couro e senta-se ao pé do fogão. Sente o odor do peixe frito, do mar.

– Estava com saudades – explica numa voz com falhas.

Ariana sorri do outro lado da bancada.

– Ficas para jantar? – Pergunta a mãe, indiferente.

– Eu não sei se posso – responde Marina com os seus olhos azuis de mar presos ao chão roído de madeira suja.

No primeiro dia em Zepríncips, os pais acompanharam-na – viram o apartamento confortável que seria oferecido à filha, discutiram com o Secretário representativo da cidade, ponderaram sobre os riscos e, acima de tudo, perderam-se em lágrimas.

Costuma-se dizer que as lágrimas cegam os Homens e, neste caso, os olhos velhos e cansados dos Pais deixaram de poder e querer ver a menina que lhes caiu das pupilas. Guardaram-na como uma lembrança de dor e como um rasto a lápis no mapa das suas vidas.

À Marina foi oferecida uma nova vida para se adaptar, noites de pesadelos num quarto quase vazio e lutas e guerrearias sem laço nem papel de embrulho.

Yann era a única pessoa que conhecia e que encenava um papel de irmão. Era o único que lhe pegava nas mãos morenas, a olhava nos olhos profundos e lhe garantia:

– Estás a viver magias. És tão especial, Marina. Foste escolhida e, um dia, tudo ficará bem!

– Onde está o pai? – pergunta Marina a Ariana, cujo nariz ponteadado de sardas se esconde atrás da lombada do seu manual de português.

Ariana descobre o seu bonito rosto e responde:

– Na praia – hesita. – Queres que te leve lá?

– Podes vir, se quiseres, mas, de qualquer forma, eu sei ir até à praia!

– Não... é que o pai já não pesca nessa há imenso tempo.

– Há três meses – completa a mãe.

Marina franze o nariz também sardento, embacia os olhos e, imparcial, segue a irmãzinha – sete anos mais nova – a sua substituta.

Como é possível não saber onde o pai pesca?

Não foi como se Marina tivesse morrido, mas quase. Talvez tivesse equivalido a uma pequena imigração, a um rapto entre prazos.

A verdade é que as visitas ao doce e quente Algarve iam diminuindo a olho nu. As lágrimas e pesadelos evaporavam-se, tal como a saudade impossível de conter, e ficavam, por certo, os rastos de rezas fiéis que,

ao início, nunca esqueciam o nome da menina do mar. E também ficava o paradigma, que se isola da racionalização, que deixava os pais seguros e contentes por dizer – a nossa menina foi escolhido por Deus.

Todavia, na prática, com Deus ou sem Deus, rezas ou pragas, a filha ia sendo levada pelo vento para lá da maratona e da meta. Por outro lado, nasciam-lhe raízes dos pés e das mãos em relação à cidade: conheceu a Margarida – uma menina Angolana com um sotaque estranho –, a sua nova melhor amiga.

Marina acumulava, então, apenas sete bolos de aniversário.

No dia exacto após ter bufado as sete velas, recebeu um telefonema feliz.

– Vais ter uma irmãzinha – anunciou a mãe, cuja voz parecia mais e mais distante.

– Ah! – foi a resposta, seguida de um suspiro demorado e de lágrimas de ambos os lados, que já não sabiam bem os motivos e objectivos; apenas sabiam que Marina tinha sido um projecto falhado de filha e que quando há falhas, faz-se de tudo para as reparar.

Ambas as irmãs caminham, lado a lado até à praia. São parecidas, sempre o foram, embora Marina sempre tivesse sido o espelho do mar e Ariana o reflexo da areia.

Ariana era magra e pequena e possuía um sorriso sabichão extraordinário – herdara-o de um dos muitos tios. O seu cabelo muito curto e liso era alourado pelo Sol todos os Verões, todavia no Inverno absorvia um tom claro de castanho. O nariz fotocopiado da irmã – com a ponta arredondada e sardas claras ponteantes, como num areal extenso de uma praia deserta. Olhos azuis – como os de Marina – mas nunca com a mesma profundidade perturbadora.

– Porque é que o pai mudou de praia? – pergunta Marina, cujos pensamentos melancólicos, nesse dia, não param de se reproduzir.

Ariana franze o sobrolho e pontapeia uma garrafa de água vazia que se encontra abandonada no chão.

– Sei lá... – responde a pequenina, acentuando o *S* da palavra, um vício da fala que possui desde que começou a falar – todos os amigos do pai mudaram, mas não sei porquê.

Marina suspira. Aquela costumava ser a praia deles – dela e do pai – e, de um momento para o outro, ele deixara tudo isso para trás. Marina lembra o dia em que aprendeu a atirar a cana de pesca, a puxar o fio, a escolher o anzol.

– Como é possível? – questiona Marina em voz alta, embora sem vista a qualquer destinatário – Há três meses?

– Sim – responde Ariana com a sua voz leve, não entendendo o porquê da tristeza da irmã.

Os olhos de Marina ardem-lhe, todavia, ela repete «Eu não choro!».

– Não fiques triste – sossega a irmãzinha. – Esta praia também é fixe. Eu gosto mais. – De repente, uma luminosidade imensa apodera-se do rosto de Ariana e ela conta – O pai ensinou-me a pescar e diz que quando eu souber ler me deixa lançar a cana sozinha!

É então que, ao som melodioso e doloroso da gargalhada fina e aguda da irmã, Marina se sente desfalecer mais um pouco. Menos um bocado do pilar a que se segura.

– Sempre soubeste que eu era tua irmã? – pergunta num fiozinho de voz.

Ariana quase que ri, tal é o absurdo da pergunta.

– Claro! Bem, chegámos! – avisa a menina ao apontar para uma praia idêntica à antiga.

Ambas se descalçam – Ariana retira os chinelos de plástico azul claro, enquanto Marina se empenha em tirar os pés de dentro das sapatilhas azuis escuras, cuja marca é Zeprincips.

Começam a andar pelos trilhos já traçados na areia, quando Ariana pára quieta e, aparentemente, muda. Até que fala:

– Mana?

– Não me chames “mana”.

Ariana consente.

– Marina, vais viver para *minha* casa?

– Como assim?

– Vais deixar Zeprincips?

Marina sente o seu peito parar. Não fazia ideia do conhecimento da irmãzinha sobre Zeprincips nem, na verdade, nunca se perguntara sobre tal.

Agora, porém, importa-lhe essa questão. Zeprincips só funciona se for um segredo num tesouro de fechadura trancada. Vestindo a sua face mais zangada agarra no pulso macio e pequeno da irmã.

– Au! – geme a irmã, e só aí Marina se apercebe de que a sua força é demasiada e que já não tem total controlo sobre ela.

Larga-a e, depois, aproxima-se do rosto de Ariana com uma expressão de repreensão.

– Quem te contou? – grita.

Ariana começa a chorar e a soluçar de imediato.

– Pára de ser mimada! Quem te contou? – repete Marina, zangada com a situação.

– A mãe – geme a menina em resposta. – Eu perguntei-lhe onde é que tu moravas e ela explicou-me.

Marina enfurece-se.

– Ariana, não podes contar a ninguém, percebeste? A ninguém! Nem à tua melhor amiga, nem às primas, nem aos tios. A ninguém.

A primeira coisa que lhe ensinaram em Zeprincips foi que tudo tinha de ser feito em silêncio sagrado, em segredo puro. Zeprincips não podia ser mais do que uma utopia aos ouvidos dos demais.

No início, esta era uma das regras mais fáceis aos olhos de Marina; todavia, com o tempo, a menina começou a contestar todo este formato silencioso:

– Mas porquê? – perguntava ela a Yann, o seu tutor de treinos e protector.

Yann era diferente de Marina. Era seguro de si próprio e a doçura escorria-lhe da face, embora não tivesse a mesma força e opinião formada de Marina. Yann limitava-se a aceitar.

– Porque... oh, porque é assim!

– Se as pessoas procuram Deus pela segurança, então deveriam gostar de saber que alguém está a zelar pelo seu bem-estar.

Yann sorri, paternal.

– Marina, descansa. Nada vai mudar porque tu o dizes!

– Então vai mudar como?

– Não vai.

Não obstante, Marina não aceitava que uma sociedade tão importante como Zeprincipis tivesse o direito de ser quadrada e o conforto de não evoluir. Portanto, houve um dia em que Marina confessou a uma das primas, numa das suas visitas mensais:

– Eu não sou igual – explicou Marina e, de seguida, descreveu toda a sociedade de Zeprincipis, os seus objectivos e a sua missão. Todavia, após esse esforço afincado, tudo o que recebeu da Nana, a sua prima mais velha, foram umas gargalhadas parvas de quem não crê para além da experiência.

No dia seguinte, porém, quando Marina regressou a Zeprincipis, tudo correu mal.

– Marina! – lembra-se de ter ouvido Yann dizer, num tom de voz baixo e decepcionado. Nesse momento, um homem gordo e careca agarrou-a pelo braço e fechou-a numa audiência moral e, depois, num quarto vazio de castigo.

– Promete-me que não voltas a desafiar o sistema! – pediu Yann,

após a menina ter sido liberta. Marina encontrava-se reduzida a um caco – os olhos inchados, embora sem terem libertado uma única lágrima e uma expressão de tristeza profunda.

Marina encostou a cabeça ao colo de Yann, que era o dobro do dela, e ele abraçou-a.

– Prometo.

– Olá pai – cumprimenta Marina com um beijo.

O pai, um velho pescador, de face enrugada pelo vento e pelo frio, cabelos curtos e barba rija, ilumina-se quando vê a sua filha mais velha nos rochedos. Abraça-a.

– Então? Já não vens pescar comigo há imenso tempo – sorri, atencioso. – Espera lá, a tua visita semanal não tinha sido há uma semana atrás?

Depois de Marina ter decidido estudar numa escola «normal», o que contornava toda a lógica de Zeprincipis, estabeleceu-se que ela podia dormir apenas uma vez por mês em casa, visto que, de outro modo, não teria forma de organizar os seus treinos intensivos ao cuidado de Yann. Para além disso, estabeleceu-se uma hora certa de regresso para todos os outros dias e foram-lhe injectadas aulas teóricas semanais de cívica, direito e história Zeprincepesca.

– Sim, mas... – Marina hesita – não fico cá a dormir, é só uma visita rápida.

– E isso não vai contra o horário? – pergunta o pai um pouco confuso.

Ele espera uma resposta, mas Marina prefere não responder. Faltavam apenas quinze minutos para a sua hora de regresso e, mesmo que quisesse, já não conseguia chegar a tempo.

– Posso ir para a praia contigo? – pergunta, antes. O pai olha-a e tenta encontrar o fundo da sua alma, mas Marina não o deixa entrar, desvendar. – Íamos pescar com cana, como quando era

pequenina e tu me ensinavas a...

Ele pega na cana e passa-a a Marina.

– Ainda te lembras de tudo, certo?

Marina percorre a cana fina e hábil com os seus olhos herdados do mar.

– Sem dúvida – responde.

– Também *posso*? Também *posso*? – pergunta Ariana, irrequieta.

– A seguir – estabiliza o pai, olhando para Marina com um orgulho imenso.

Quando Marina assumiu Zeprincips como o seu novo lar, foi surpreendida pelas diferentes reacções dos pais. O pai, humilde pescador que pouco tempo costumava ter para lhe oferecer, passou a abraçá-la mais, a sorrir-lhe com mais prazer e sentido. Não obstante, a mãe, a mesma que dantes acreditava na perfeição da sua filha, encontrou na distância uma forma de suportar o luto inicial. E, quando o afastamento já era mais um hábito do que um fardo, a sua mãe já não sabia ser sua mãe.

No final do dia, quando o Sol já não se digna a aparecer, Marina havia pescado apenas dois peixes pequenos e Ariana nenhum.

– Bem, é hora de ir – fala o Pai.

Ele pega nas canas e encavalita-as no seu ombro fino e com a mão esquerda segura o balde verde comprido, onde bóiam uns quantos peixes – uns vivos, outros já mortos.

– Jantas em casa? – pergunta ele.

Marina avalia bem a situação, enquanto coça o nariz sardento.

– É melhor não – responde, o seu rosto a boiar no limiar do desapontamento. – Já estou demasiado atrasada, já vou arranjar problemas.

– Então vai, querida, vai que eu não quero que arranjes problemas.

O pai inclina-se sobre Marina e beija-lhe face e Ariana acena-lhe um adeus tremido. Ambos se afastam de mão dada, pelos areais estendidos da praia.

Marina vira costas e começa a seguir a direcção contrária. A Praia Grande ocupa todo o alcance do seu olhar. Ela caminha na areia caramelizada e fina, com os olhos postos nos rochedos e ravinas que delimitam a praia. A brisa marítima envolve-a e sacode-lhe o cabelo, enquanto se lembra, mais uma vez, do dia em que Yann a levou para *Zeprincips* – ali, naquela mesma praia, naquele mesmo mar. Melancólica e com a alma nas mãos, caminha sem destino até que uma pedra lhe arranha os pés descalços.

– Oh meu Deus! – exclama para si própria. – As sapatilhas!

Depois de Marina ter sido altamente penalizada por ter confessado à prima o seu maior segredo, nunca mais ousou imprimir pistas sobre a sua verdadeira identidade. Agora, sabendo que deixou as suas sapatilhas de *Zeprincips* pousadas sobre o banco de cimento que separa a praia do parque de estacionamento, sente o seu coração bater.

Já está longe e, muito provavelmente, o pai e a irmã já não estão por perto. De repente, é tomada por um impulso tolo e mergulha no mar frio. Sente as águas cobrirem-na, tomarem conta do seu cabelo e, num instante, começa a nadar como se estivesse num treino árduo de Yann, como se estivesse numa competição de natação de *Zeprincips*. E, nesse instante, que é o tempo que ela leva a chegar à outra margem, confunde-se com uma sereia sem guelras.

Encharcada e gelada, corre pelo areal, sobe as escadas de acesso até ao banco onde, afinal, o pai e Ariana ainda esperam sentados. Suspira.

– Querida? – pergunta o pai, espantado, por ver a filha molhada. – Caíste dos rochedos? – Assume de imediato uma expressão

preocupada.

– Não, eu... – controla a respiração acelerada – eu estava preocupada com as sapatilhas e nado mais rápido do que corro...

– Por umas sapatilhas? – interrompe.

– Nós íamos levar-tas – afirma Ariana.

Marina vê as sapatilhas pousadas no banco, observa as suas roupas encharcadas, os seus pelos eriçados pelo frio, a sua família calma e perplexa – é verdade, não devia ter deixado, nunca, as sapatilhas sozinhas. Contudo, apercebe-se, de repente, que não foi atrás delas que ela veio, nem sequer de Zeprincipis. Ela veio, sim, perseguir as únicas pessoas deste Mundo que ainda a guardam. Ela veio buscar uma vida.

– Achas que a mãe ainda me prepara o jantar?

O pai acena com a cabeça, tentando, ao máximo, perceber a situação.

– É claro – verbaliza.

As lágrimas voltam a picar os olhos profundos (cada vez menos) de Marina.

– E achas que dá para eu dormir no sofá? – pergunta.

– Sem dúvida – o pai sorri.

– Obrigada – diz, enquanto o pai lhe passa as mãos pelos ombros.

– Vamos para *nossa* casa, secar-te.

Marina caminha paralelamente ao pai e à irmã, ainda descalça. As sapatilhas – essas – ficaram para trás, no muro, caídas e sozinhas, expostas a um Mundo que não sabe e não deve descobrir, a um inimigo qualquer e incerto. Só que, desta vez, não importa!

Zeprincips é a misteriosa cidade onde habitam os *Guerreiros do Bem*. Criada com o propósito de se preservar a Paz no Mundo, todos os seus cidadãos estão incumbidos da difícil tarefa de lutar em guerras alheias e proteger os indefesos.

Para além das constantes disputas com os inimigos *Estripadores de Sonhos*, a vida em *Zeprincips* desenrola-se com certa monotonia e permanece a salvo devido ao segredo que a envolve – pois, para além dos próprios guerreiros e dos cruéis *Estripadores de Sonhos*, ninguém da sua existência...

Mas, é quando Marina, uma guerreira de treze anos, se revolta, que tudo vai mudar! Levada para a “Cidade do Bem” quando tinha apenas seis anos, Marina pugna por uma vida normal.

•

O que acontece quando, pela primeira vez, uma guerreira decide abandonar a cidade e voltar para o Algarve?

Conseguirá a pré-adolescente recuperar a infância perdida?

Ou render-se-á aos caminhos sombrios do álcool, das drogas e do sexo?

E ficará *Zeprincips* a salvo com uma adolescente revoltada a deambular por um Mundo que nada pode descobrir?

“Estava farta, farta de tudo aquilo. Até que ponto será justo que uma miúda como ela, de treze anos apenas, feche os olhos e veja a necessidade aflita de Paz e a certeza da efemeridade?”